



Centro histórico de Porto Alegre – uma relação entre arquitetura, mídia e história.

Simone Cardoso*
Eder dos Santos Carvalho**

Resumo: Este artigo trata, em um primeiro momento, da observação e análise sobre a preservação de centros históricos, bem como a valorização desses espaços para a memória coletiva das cidades, destacando também a importância do Centro Histórico de Porto Alegre como núcleo irradiador da expansão da cidade. Procura mostrar sua evolução urbana, desde a fixação das primeiras famílias de açorianos, passando pela construção dos primeiros prédios públicos, pela modernização idealizada pelo governo positivista, pela estagnação da metade do século XX, até chegar aos projetos atuais de revitalização da região central. Em um segundo momento, traça um paralelo entre arquitetura, mídia e história, mostrando como a divulgação da preservação da história e da arquitetura do centro de Porto Alegre através da mídia pode auxiliar a população local na valorização do seu patrimônio cultural. Esta divulgação feita através dos meios e comunicação tem o poder de divulgar e contribuir para a reflexão acerca de importância da preservação do patrimônio cultural e da memória coletiva da sociedade. Por fim, expõe uma conclusão sobre os projetos atuais de preservação do Patrimônio Cultural da região central da capital gaúcha, intervenções que buscam formar a imagem da urbe e do bem cultural que cada habitante carrega de sua cidade e a consequente valorização do Centro Histórico de Porto Alegre como marco da memória da cidade.

Palavras-chave: Patrimônio; Preservação; Mídia; História; Centro Histórico.

Abstract: This article deals with, at first, the observation and analysis on the preservation of historic centers, as well as the recovery of spaces for the collective memory of the city, highlighting the importance of the historic center of Porto Alegre as a radiating center expansion city, trying to show their urban evolution, since the fixing of the first families of the Azores, through the construction of the first public buildings by government modernization idealized positivist, the stagnation half of the twentieth century until the

* Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Servidora na Prefeitura Municipal de Encruzilhada do Sul. Contato: cardososimone11@gmail.com.

** Graduando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Contato: edersv@hotmail.com.



current projects to revitalize the central region . In a second step draws a parallel between architecture, media and history, showing how the disclosure of the preservation of the history and architecture of downtown Porto Alegre through the media can assist the local people in appreciation of their cultural heritage. This disclosure made by the means and communication has the power to promote and contribute to the reflection on the importance of preserving cultural heritage and collective memory of society. Finally, exposes a conclusion about the current projects for the preservation of Cultural Heritage in the central region of the state capital, interventions that seek to form the image of the urban and cultural load that each inhabitant of your city and the consequent enhancement of the historic center of Porto Alegre memory as a landmark of the city.

Keywords: Heritage; Preservation; Media; History; Historical Center.

Introdução – análise, origem e evolução do centro histórico de Porto Alegre

A modernização e o desenvolvimento das cidades durante o século XX ocasionaram novas conexões econômicas e sociais na região de influência de grandes centros urbanos, ao mesmo tempo em que trouxeram o abandono para as áreas centrais, portuárias e industriais. Como consequência deste abandono, tornou-se necessário repensar a construção e a renovação das cidades a partir da preservação cultural de seus monumentos.

Segundo Ortegosa (2009, p. 2), a arquitetura e os lugares da cidade constituem o cenário onde nossas lembranças se situam e, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, evocam narrativas relacionadas às nossas vidas. Assim, a maneira como interpretamos nossas experiências no espaço converte-se em nossa realidade e possibilita-nos dar significado ao nosso mundo físico. Com o passar do tempo, uma constelação de signos se estratifica na memória coletiva constituindo uma cidade análoga. Ainda, segundo a mesma autora (Ibid., p. 2):

Como ilustra Maria Alice Rezende de Carvalho, “uma praça das grandes manifestações políticas, uma esquina boêmia, um ponto da praia com seu velho pier, um Café centenário, um edifício bisonho que parece ter resistido ao ímpeto destrutivo da moderna linguagem arquitetônica são os fundamentos dessa cidade análoga, que se repõe insistentemente, mesmo que a cidade real se altere”.



O centro histórico é um centro simbólico que alimenta a imaginação e a recordação do passado, através de seu acervo de imagem que mostra o olhar da história. Um centro histórico não é apenas lugar de comemorar o que passou, ele é também o lugar das sensações instantâneas de agora. Ele não conta uma única, mas sim muitas histórias. Ao falar-se de um retorno ao centro como forma de resgatar o passado, não se pode esquecer também de que intervenções realizadas nesses locais significam readaptá-los às novas funções da cidade contemporânea.

As cidades surgem, crescem e se desenvolvem a partir de seus centros, onde está sua parte mais antiga. Porém, as urbes têm a propriedade de aumentar, de se densificar, de crescer de forma desmedida, e, conseqüentemente, seus centros são os primeiros a sofrer estas transformações. Este crescimento das cidades leva a uma diluição do centro como coordenada espacial, fortalecendo a ideia de centro cívico, comercial e, especialmente, de repositório de expressões físicas de experiências coletivas. Dessa forma, os centros urbanos sofrem os desgastes físicos intrínsecos à passagem do tempo e ao uso social desses espaços, além de sofrer com as alterações de uso, que alteram e destroem a função original dos mesmos, e, por fim, estas regiões centrais podem ser acometidas de uma perda de significado, de memória e de sentido histórico.

Estudos sobre centros urbanos que buscam resgatar a história e a memória destes locais para a cidade deparam-se hoje com a questão da especulação imobiliária e com processos de enriquecimento e empobrecimento presentes na sociedade atual. Já o turismo atua como um instrumento fomentador de valorização dos centros urbanos, desde que conte com atrações e infraestrutura bem definidos. O turismo cultural em centros urbanos se sustenta em uma espécie de nostalgia do passado, uma expectativa de reencontro com as origens. Porém, para além dessas estratégias, impõe-se uma parte prática para ser definida. Faz-se necessário que, além do olhar apurado do estudioso da cidade, se viabilizem recursos financeiros, tanto do poder público como da iniciativa privada. Valorizar centros históricos requer um alto investimento, mas compensa. E esses investimentos necessitam de vontade política, de parcerias público-privadas e pessoas capacitadas para executar estas ações.

Origem e evolução do centro de Porto Alegre

O centro de Porto Alegre sempre foi reconhecido por sua riqueza cultural, onde o pedestre mais atento depara-se com uma riqueza arquitetônica ímpar, visto que vários estilos



se manifestam, formando um conjunto rico e heterogêneo, abrangendo as mais variadas manifestações arquitetônicas. Monumentos neoclássicos, arquiteturas ecléticas e protomodernistas e as chamadas reminiscências de um passado colonial – casas baixas, de porta e janela e platibanda simples, construídas em lotes estreitos – configuram os diálogos, as memórias e as lembranças do local de fundação de Porto Alegre, local este que, segundo Cuty (2007, p. 2), “carrega a mais expressiva imagem externa desta cidade, ou seja, aquela que é percebida e comprada pelos que vêm de fora.”

O povoamento do centro de Porto Alegre iniciou-se por volta de 1732, com a fixação de algumas famílias à beira do lago Guaíba. Em 1752 chegaram ao local cerca de 60 famílias açorianas, juntando-se mais tarde a uma nova leva de açorianos, fixando-se então junto ao porto, razão pela qual o local passou a ser conhecido como Porto dos Casais. No dia 26 de março de 1772, data oficial da fundação da cidade, foi elevada a Freguesia, sob o nome de Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. No ano seguinte, é transformada pelo Governador Marcelino de Figueiredo em capital da Província.

A partir de então, passou a assumir seu novo papel de capital, quando foram construídas obras como o Arsenal da Guerra, a primeira Igreja Matriz e o Palácio do Governador. Também nessa época começaram a tomar forma algumas das praças mais antigas de Porto Alegre, com a Praça XV, a Praça da Matriz e a Praça da Alfândega. Durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), o crescimento ficou estagnado, voltando a crescer após 1845, tendo sido iniciado nesse período a construção de aterros no litoral e a construção de equipamentos públicos, como fontes para abastecimento de água, além disso, houve a construção do Teatro São Pedro, a ampliação do Mercado Público, a consolidação da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficência Portuguesa.

Em seguida, quando Júlio de Castilhos assumiu o governo do Estado (1891), com uma política orientada pelo positivismo, foi dada ênfase à modernização da cidade, que passou a ser vista como cartão de visitas do Rio Grande do Sul. Nessa onda de melhorias da infraestrutura urbana, o centro recebeu muitos incentivos, ao mesmo tempo em que se desencadeava um intenso programa de obras para construção de prédios públicos imponentes.

Esta aceleração do crescimento, que durou até meados da década de 1930, renovou a paisagem urbana, sendo influenciada pela estética do ecletismo e pelos ideais do positivismo. Neste período, ergueram-se alguns dos mais significativos prédios públicos da capital, muitos carregados de simbolismos éticos, sociais e políticos, detalhes estes que se revelavam na decoração alegórica das fachadas. Como exemplos dessa arquitetura, tem-se o Palácio



Piratini, o Paço Municipal (Prefeitura), a Biblioteca Pública, o Banco da Província, os Correios e Telégrafos e a Delegacia Fiscal, sendo que muitos desses prédios foram construídos por arquitetos e engenheiros de origem alemã.

Na gestão do Prefeito Otávio Rocha, empreendeu-se uma reforma urbana, visando transformar a capital numa “nova Paris”. Para isso, foi prevista a construção de largas avenidas, bulevares e rôtulas, mas para que essas obras fossem levadas adiante, vieram abaixo muitos casarões, especialmente na área central. Neste período surge o Viaduto Otávio Rocha, um dos marcos do centro de Porto Alegre. Os ideais positivistas influenciaram também o plano cultural, através da fundação de estabelecimentos que mostravam o interesse do governo pelas diversas áreas da vida social e intelectual do Estado Republicano, como o Arquivo Público, o Instituto Livre de Belas Artes e o Museu Júlio de Castilhos, ao mesmo tempo em que se desenvolviam cada vez mais as atividades das primeiras faculdades, instaladas desde o século XIX.

O centro de Porto Alegre atingiu o auge na década de 1950, quando já era densamente edificado e tinha a Rua da Praia como a principal rua da região central, transformada em zona de comércio elegante e atraindo a instalação de inúmeros cafés, confeitarias, cinemas e restaurantes. Tornou-se também o local preferido para manifestações políticas. Nas décadas seguintes, no entanto, diante de uma abordagem tecnicista e moderna, desapareceram inúmeros edifícios antigos, empobrecendo a fisionomia do centro e levando a região ao declínio.

A partir da década de 1960, camelôs “cegos” se instalam no centro, tomando conta das ruas centrais e gerando como consequência, o fechamento de inúmeras lojas já estabelecidas. Outros fatores, nas décadas seguintes, contribuíram para desvalorizar a região, como o declínio do antigo distrito industrial, a elaboração de um novo padrão de zoneamento urbano, o aumento da criminalidade e a descentralização de investimentos, contribuindo para que o centro perdesse muito de sua função residencial.

Em 1981, é criada a Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural, que inicia um processo de estudo e resgate dos bens culturais de propriedade do município, sistematizando dessa forma os tombamentos. Ainda na década de 1980 se reconheceu a existência do “Centro Histórico” como um núcleo urbano de interesse social e cultural específico, tendo como marco importante desse reconhecimento a recuperação da Usina do Gasômetro, em 1991, desencadeando uma mudança na maneira como a população via o Centro Histórico.



Recentemente, a prefeitura inaugurou um camelódromo com espaços alugados aos comerciantes. Dessa forma, a saída de camelôs do coração do Centro Histórico propiciou a reorganização da Praça XV, juntamente com o restauro do seu famoso chalé. Além disso, outros programas, como o *Programa de Arrendamento Residencial*, o *Programa Monumenta* e o projeto *Viva o Centro* buscam alternativas de valorizar a região central.

Esses projetos começam a dar resultados, principalmente no que diz respeito ao aumento da população, ao retorno de investimentos e à valorização dos imóveis. Ademais, a elite cultural, que “consumiu avidamente” o centro na primeira metade do século XX, começa a retornar para o espaço em que mantêm as lembranças de sua memória e onde estão suas referências, como os antigos cafés, livrarias e confeitarias. Para esses novos moradores, o centro voltou a ficar elegante como no passado.

Centro de Porto Alegre – Arquitetura, Mídia e História como divulgação do Patrimônio Cultural

O Patrimônio Histórico e a memória de uma cidade não se limitam apenas aos monumentos, mas também aos documentos, aos registros da história de uma sociedade e a sua divulgação através da mídia – rádio, TV, jornal e internet. Os meios de comunicação, a divulgação da história de um lugar e a arquitetura têm a capacidade de contribuir para a reflexão e a discussão sobre a conservação do patrimônio e da memória das cidades.

Na era da informação e da divulgação de todos os fatos que acontecem na cidade, o habitante tem consciência do que acontece com o lugar onde vive, e, por conseqüência, consigo mesmo. Ao procurar preservar a identidade do lugar, ele preserva também a sua própria, através da conservação de monumentos históricos, artísticos e arquitetônicos relevantes.

A arquitetura induz, através de materiais, técnicas e formas construtivas, a função, o uso e o valor do espaço, constituindo assim o suporte pelo qual a cidade se constrói como meio comunicativo, possibilitando sociabilidades e interações em constantes transformações. A técnica e a função da arquitetura constroem a cidade que se comunica através de imagens midiáticas.

Aqui faz-se necessária uma reflexão da relação entre Patrimônio Cultural e a memória coletiva. As lembranças coletivas de uma sociedade se dão através do contato e da interpretação do que se vê hoje acerca dos vestígios deixados pelo homem ao longo de sua



existência. Esses vestígios seriam os chamados bens culturais e imateriais que compõem o Patrimônio Cultural. Dessa forma tem-se então o estabelecimento da relação entre a memória social e o Patrimônio Cultural. Os bens culturais têm o poder de evocar memórias coletivas e configuram-se como uma espécie de externalização desta. Segundo Santiago (2007, p. 25), os materiais remanescentes do passado, produto de um juízo de valores, que formariam o Patrimônio Cultural, são objetos potenciais de memória, em que esta pode se ancorar. De um modo geral, patrimônio e memória relacionam-se à medida que os bens culturais, que constituem esse patrimônio, configuram-se como suporte, externalizações, marcos ou pontos de apoio a ela.

A memória, a partir da segunda metade do século XX, passa por um desenvolvimento que constitui uma verdadeira revolução, através do surgimento da memória eletrônica, trazendo consigo uma série de transformações de ordem teórico-metodológicas. Esses novos conceitos de memórias coletivas conduzem a uma história imediata em que a mídia aparece como novo fio condutor desta ordem, tornando-se essencial como meio de informação e registro do passado, apreendendo e transmitindo este passado de forma diferente do campo historiográfico.

O envolvimento da imprensa na divulgação da memória e da preservação contribui para o entendimento das questões de salvaguarda do patrimônio. Dessa forma a atuação da mídia tem um papel importantíssimo como informante especializada sobre processos e formas de preservação do patrimônio e do legado da memória coletiva.

A memória social, bem como a evolução da mídia, segundo Santiago (2007, p. 32), configura-se através de cinco estágios, que são: 1) nas sociedades sem escrita; 2) da Pré-História à Antiguidade; 3) na Idade Média; 4) no Século XIX com a invenção da imprensa, e finalmente 5) com o desenvolvimento das mídias eletrônicas. Destas cinco fases de evolução, não cabe aqui detalhar cada uma delas, visto não ser este o objetivo deste artigo. Apenas a última fase merece uma análise mais pormenorizada, por ser este período de evolução da mídia presente até os dias atuais.

Este período evolutivo, segundo Debray (1994), citado por Santiago (2007, p. 32), é conhecido também por videosfera, em que o período aberto pela técnica do audiovisual – transm.issão analógica e digital dos dados, modelos e narrações – ocorre principalmente através da tela, quando então os limites de armazenagem de informação do livro impresso são ultrapassados pelos suportes audiovisuais, e, como exemplo desse aparato temos o rádio, a TV, o telefone, o computador e a internet.



Nesse período da videosfera consolidou-se também a atual noção de patrimônio cultural, através de um processo evolutivo que começou em meados do século XIX e culminou com as Cartas Patrimoniais, editadas ao longo do século XX. A videosfera levou ao surgimento de diversos modos de documentação do patrimônio cultural, ampliando dessa forma a bagagem cultural da sociedade acerca das lembranças coletivas.

A memória coletiva, após se desenvolver em ambientes de comunicação caracterizados pela oralidade, escrita fonética e impressão gráfica, é influenciada hoje pela popularização das chamadas tecnologias da informação e comunicação, para a qual, segundo Santiago (2007, p. 55) os melhores instrumentos de “ressureição” e da “viagem no tempo” estão à nossa disposição. Tais instrumentos permitem a armazenagem de qualquer tipo de documento por meio de sua digitalização – seja ele um documento oral, texto, imagem ou vídeo – de modo que se torne acessível a qualquer pessoa em tempo real, através da internet.

Para se entender as potencialidades de salvaguarda e disponibilização de bens culturais, segundo Santiago (2007, p. 55) é importante a análise de três fatores: a comunicação – modo de acessar o conteúdo referente ao patrimônio cultural e a memória através da mídia digital; a virtualização – modo de converter o conteúdo referente ao patrimônio cultural e por fim, os sistemas – modo de organizar a informação referente ao patrimônio cultural.

A comunicação, no que se refere à digitalização e à disponibilização de bens culturais, é compreendida de duas formas, ou seja, a relação usuário-interface computacional e a virtualização. A primeira refere-se ao modo como o conteúdo é apresentado ao usuário e à relação usuário-tecnologia informacional, onde se dá o entendimento e o acesso do código pelo usuário. A virtualização relaciona-se à finalidade da tradução de um bem cultural para o ambiente virtual, facilitando e ampliando seu entendimento. Nesse ambiente virtual, tanto o patrimônio material quanto o imaterial, utilizam-se, além de textos, de uma série de recursos multimídia, como vídeo, áudio, modelagens tridimensionais, imagens, etc. Segundo Santiago (2007, p. 73), “nunca devemos perder o bem cultural concreto de vista, sem o qual a simulação virtual perderia seu significado, sua alma e seu referencial”.

Os sistemas de comunicação, dada a sua rápida evolução ao longo dos últimos anos, fazem com que cada vez mais documentos sejam transformados em dados, armazenados em complexas bases de sistemas de montagem da história. Porém, diante de uma quantidade excessiva de informação, o usuário dessas interfaces da mídia poderia interpretar equivocadamente as particularidades desse assunto, não dando a devida importância para fatos que necessitam de um olhar mais atento. Dessa forma, é necessário um pensar sistêmico,



que garanta que as informações não apenas se acumulem nas bases de dados, mas que sejam organizadas de modo a contribuir para a construção do conhecimento.

Diante dessa análise, verifica-se que o patrimônio cultural é traduzido ao ambiente virtual, onde, segundo Santiago (2007, p. 88), as informações são filtradas por um ator-observador, sendo estas informações organizadas em um mapa, ou seja, a passagem do bem do território (concreto), para o mapa ou sistema (virtual).

Importante salientar a interface entre saberes e fazeres da educação patrimonial e da educação para a mídia. A primeira visa conscientizar os indivíduos sobre a importância de seu repertório cultural local, e a segunda, sobre o sentido de ajudar a compreender as novas codificações, imagens, sons, articulação entre o verbal, o visual e o escrito, bem como as articulações empresariais, comerciais e políticas do complexo de comunicação. A mídia carrega um grande potencial educativo, de mobilização social, de suporte da memória e de divulgação cultural, que pode ser usado para proporcionar lazer, emocionar, envolver os sujeitos no sistema cultural que vivenciam diariamente em suas comunidades.

Partindo das definições e dos conceitos anteriormente expostos, passa-se a análise da divulgação do centro histórico de Porto Alegre na mídia impressa e na mídia digital. O chamado Centro Histórico de Porto Alegre se caracterizou, ao longo dos últimos anos, como uma identidade a ser vendida, um marco referencial na capital gaúcha. Essa identidade, para ser vista não somente pela população local, mas também para ser “exportada” como marco da cidade, necessita de divulgação, para que possa ser valorizada e atrair as pessoas para o local.

Esta divulgação tem-se dado através de programas como o Monumenta, *Cais do Porto*, do *Blog Centro Histórico de Porto Alegre* (<http://centrohistoricodeportoalegre.blogspot.com.br>) e também com o programa *Viva o Centro*, que leva as pessoas não só da comunidade, mas também de outros lugares do Estado, do país e também do exterior, a visitar os principais monumentos e edificações do centro. Também há a divulgação em sites relacionados à preservação do patrimônio cultural das ações de preservação no local, além da divulgação destas mesmas ações em jornais da capital, além de exposições em museus.

As ações do Monumenta, do IPHAN, o principal projeto de revitalização do centro, são divulgadas no site do programa (http://www.monumenta.gov.br/site/?page_id=205), e recentemente foi lançado um livro com as ações já realizadas pelo Monumenta. Este programa inicialmente elaborou um levantamento e interpretação do centro histórico, com um conjunto de ações visando democratizar o acesso às informações históricas da cidade, contribuindo para a apropriação do patrimônio pelos visitantes e pela população local. Em



seguida a este levantamento, começaram as obras de recuperação de prédios e praças da região central, hoje ainda com obras em andamento. Todavia, o Projeto Viva o Centro, um plano de governança solidária da área central da cidade, busca transformar o centro num bairro de oportunidades para todos, estruturado em três diretrizes básicas: qualificação do espaço urbano, valorização da imagem pública do espaço e fortalecimento de sua dinâmica funcional.

O fascínio do Centro Histórico se constitui num espaço de encantamento, propiciando uma ponte entre o passado e o presente, despertando a população para a valorização de sua memória coletiva, aonde ações simbólicas nos conduzem para a magia de épocas não vividas, trazidas até nós através do elo entre a memória ancestral e o cotidiano atual. Dessa forma, os programas já citados anteriormente, que buscam revitalizar e valorizar o centro preveem o uso da interpretação como ferramenta informativa. A interpretação é uma técnica de comunicação contemporânea, usada ao redor do mundo para apresentar centros históricos, edificações, espaços públicos, sítios arqueológicos e monumentos. Tem como objetivo tornar acessível aos diferentes tipos de visitantes a história, a cultura, o patrimônio material e imaterial, despertar o interesse em conhecer, explorar e refletir sobre o significado do local, por meio da evidenciação de detalhes, pistas e relações. Num projeto interpretativo, podem ser utilizadas como suporte as mídias da museografia, de acordo com as peculiaridades de cada situação, organizando percursos, visitas guiadas, folhetos, ilustrações, sinalizações, livros, filmes, encenações e mídia eletrônica.

Ações de divulgação na mídia dos projetos de revitalização da região central estimulam não só a valorização da memória coletiva, mas também a valorização dos imóveis, a volta das pessoas para as ruas, para as praças, investimentos em segurança, infraestrutura e equipamentos urbanos.

Conclusão

O centro histórico de uma cidade é o local de encontro, da presença constante de diferentes grupos, habitantes ou em passagem; esses encontros, aliados à polifuncionalidade do local – habitação, comércio, serviços – fazem desse local o coração da cidade. Valorizar e divulgar essas “peculiaridades” do local é tarefa de planejadores urbanos, conjuntamente com o poder público e a mídia.



Os investimentos particulares nos centros priorizam o retorno econômico ou a valorização da imagem institucional, ocupando prédios públicos e restringindo o acesso a esses locais (MENEGUELLO, 2005, p. 4), enquanto os investimentos públicos criam representações falsas de hábitos comunitários, em que cenas são interpretadas para os olhos dos transeuntes, por atores que muitas vezes deslocam-se de grandes distâncias para atingir o centro, “fantasiados” de dançarinos de rua, artesãos, músicos, e com trajes típicos se deixam fotografar por visitantes. Segundo Meneguello (Ibid., p. 4), enquanto os passantes se divertem com essas interpretações, a outrora população local, que muito contribuiu para manter os aspectos arquitetônicos do local, é deixada à margem desses eventos.

Experiências como percorrer, olhar, observar e ser observado é a forma que se tem de apreender a cidade e assim reconhecer a imagem interna que cada um carrega de sua própria cidade. Cada habitante elenca um rol de lugares em sua memória e os projeta numa situação futura, e segundo Cuty (2007, p. 12), nesta mescla de colecionadores de “cidades internas” encontram-se os legisladores, planejadores e preservacionistas a fim de executar a difícil tarefa de ler tempos e filtrar espaços a serem preservados, e incluir-se-ia aqui também a mídia, com seu papel destacado em divulgar estes espaços para o habitante da cidade e para o turista.

Intervenções pontuais e de preservação do patrimônio material e imaterial superpõem-se para formar a imagem da cidade, a imagem do bem cultural que vai ser “comprado e observado” pelo turista. Esta imagem é a que torna a cidade legível, como acontece em Veneza, com suas pontes e canais, em Paris, com seus bulevares e em Barcelona, com as grelhas ortogonais do plano urbanístico de Cerdá, para citar alguns exemplos clássicos. Em Porto Alegre, o centro histórico revela a influência estrangeira no traçado de parques e na arquitetura monumental dos prédios públicos, registrando, dessa forma, o período de imigração alemã e italiana. E é esta imagem multicultural nos prédios e espaços públicos, que estimula a sociedade a um melhor entendimento na compreensão da origem da cidade.

Referências bibliográficas

- BERTUSSI, Paulo Iroquez et al. **A arquitetura no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BITTENCOURT, Doris Maria M. de. **Casa, alcova e mulher**. Porto Alegre: [s.n.], 2008.



- BONFIGLIO, Leda Velloso; PENNA, Nelba Azevedo. **A luta no e pelo centro da cidade:** um estudo em Porto Alegre. Disponível em: <files.agb-portoalegre.webnode.com.br/.../37_4-a%20luta%20pelo%20>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- CENTRO HISTÓRICO DE PORTO ALEGRE. Disponível em <<http://centrohistoricodeportoalegre.blogspot.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2011.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2001.
- CUTY, Jeniffer. **Porto Alegre e seus patrimônios no século XX.** Online, 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/2983/20351>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- DEFENDER. Porto Alegre/RS: um outro jeito de ir ao centro. Online. Disponível em: <<http://www.defender.org.br/porto-alegrers-um-outro-jeito-de-ir-ao-centro/>>. Acesso em: 12 jan. 2011.
- DIE ZEIT. Apagando a História do centro (histórico) – Porto Alegre (RS). Disponível em: <<http://dzeit.blogspot.com.br/2010/07/apagando-historia-do-centro-historico.html>>. Acesso em: 17 dez. 2011.
- DORNELLES, Beatriz Corrêa Pires (org.). **Porto Alegre em destaque:** história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Cidade:** meio, mídia e mediação. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/download/84/128>>. Acesso em: 16 fev. 2012.
- GIORDANI, Isabelle; PACHOALLOTO, Leila. **Centros históricos:** suas interferências e relações com as cidades. Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/.../ARTIGO%20-%20CENTROS%20HISTÓRICOS>>. Acesso em: 12 jan. 2012.
- GUIMARÃES, Lara Linhalis. **Pensar a comunicação para valorização das identidades culturais.** Disponível em: <http://serv01.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7fe5.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2012.
- MATTOS, Paula de Vincenzo Fidelis Belfort. **Apropriação de imagens artísticas e arquitetônicas pela mídia.** Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19052010-08502.php>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- MENEGUELLO, Cristina. **O coração da cidade:** observações sobre a preservação de centros históricos. Online, 2005. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=121>>. Acesso em: 15 fev. 2012.
- ORTEGOSA, Sandra Mara. **Cidade e memória:** do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/30>>. Acesso em: 15 fev. 2012.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.). **Memória Porto Alegre:** espaços e vivências. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- SANTIAGO, Rodrigo Peronti. **Memória e patrimônio cultural em ambientes virtuais.** Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/dissertacao_rodrigoperonti.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2012.
- SOUZA, Célia Ferraz de; MÜLLER, Dóris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre: UFRGS, 1997.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. 9.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.



WEIMER, Günter. **A vida cultural e a arquitetura na República Velha rio-grandense: 1889-1945.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses.** Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

Recebido em Junho de 2013.
Aprovado em Agosto de 2013.